



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

ANNA VITÓRIA FERREIRA BORGES

**A DIMENSÃO DO USO DAS MÍDIAS SOCIAIS NO ATIVISMO FEMINISTA NA
CONTEMPORANEIDADE**

BRASÍLIA- DF

2020

ANNA VITÓRIA FERREIRA BORGES

**A DIMENSÃO DO USO DAS MÍDIAS SOCIAIS NO ATIVISMO
FEMINISTA NA CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de
Ceilândia como requisito parcial para obtenção
do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Professor Orientador: Profa. Dra. Flávia
Mazitelli de Oliveira

BRASÍLIA- DF

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

BB732d Borges , Anna Vitória Ferreira
 A dimensão do uso das mídias sociais no ativismo
 feminista na contemporaneidade / Anna Vitória Ferreira
 Borges ; orientador Flávia Mazitelli de Oliveira . --
 Brasília, 2020.
 34 p.

 Monografia (Graduação - Terapia Ocupacional) --
 Universidade de Brasília, 2020.

 1. Movimento Feminista . 2. Redes Sociais . 3. Internet
 . I. Oliveira , Flávia Mazitelli de, orient. II. Título.

ANNA VITÓRIA FERREIRA BORGES

A DIMENSÃO DO USO DAS MÍDIAS SOCIAIS NO ATIVISMO

FEMINISTA NA CONTEMPORANEIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de
Ceilândia como requisito parcial para obtenção
do título de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Flávia Mazitelli de Oliveira – Orientadora

Professora Doutora da Faculdade de Ceilândia (FCE/UnB)

Rafael Garcia Ribeiro – Banca

Professor Doutor da Faculdade de Ceilândia (FCE/UnB)

Brasília,de.....de.....

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela vida que ele me concedeu e por sempre ter me mostrado o caminho certo em que deveria seguir.

Mãe e Pai pela criação, apoio e por todo o esforço investido na minha educação no qual me permitiu ter oportunidades e privilégios diferentes de grande parte dos jovens da sociedade. Se Deus me desse a escolha, escolheria vocês novamente para serem meus pais. Às minhas irmãs por todos os conselhos, ajuda e em todos os momentos por estarem ali ouvindo tudo que eu tinha para falar. Às minhas sobrinhas por sempre estarem alegrando os meus dias da maneira mais inocente e doce que uma criança pode oferecer.

A todos os meus amigos que tive o prazer em compartilhar esses anos de graduação, especialmente à Débora Leite por me acompanhar durante todo curso e por oferecer o seu ombro amigo nos melhores e piores momentos.

À Universidade de Brasília por ter me proporcionado um ambiente rico de saberes que colaborou para o desenvolvimento do meu senso crítico. À minha orientadora Flávia Mazitelli por ter me convidado a ingressar a um programa de iniciação científica e pela dedicação do seu escasso tempo ao meu projeto de pesquisa.

Por fim, agradeço a todos os pacientes que estiveram comigo durante a minha jornada acadêmica, por muito terem acrescentado na minha vida pessoal. Sem vocês eu não teria chegado até aqui.

“Basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados.”

(Simone Beauvoir)

RESUMO

Introdução: As novas tecnologias possibilitaram o surgimento de um novo espaço de manifestações do Feminismo. Ocorrendo a reestruturação de sua forma de mobilização política e cultural, essa nova organização é denominada de Ciberfeminismo. **Objetivo:** Descrever e analisar os espaços de troca de vivências virtuais entre mulheres feministas e conhecer as estratégias de suporte criadas nestes grupos com vistas a manter a integridade física, sua saúde mental e o autocuidado. **Método:** Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa tendo como tipo de estudo a netnografia, realizada em cinco etapas. A primeira com a definição da questão de pesquisa, a segunda com a seleção dos perfis, que foram cinco páginas feministas da rede social *Instagram*, a terceira através da observação e coleta de dados dos perfis, a quarta com análise dos dados e interpretação interativa dos resultados e, por fim, a redação e relato dos resultados de pesquisa e suas implicações teóricas e práticas. **Resultados:** Os resultados apontaram que as páginas analisadas abordam com ênfase temas sobre empoderamento, autocuidado, política, aborto e/ou maternidade, machismo e violência. Todos os temas foram apresentados de uma forma plural, diversidade esta que faz parte da interseccionalidade, característica do Ciberfeminismo. **Conclusão:** Observou-se que as redes sociais de cunho feminista contribuem para a democratização do acesso às informações através da discussão de diferentes pautas, dentre elas, temas da saúde mental, autocuidado e igualdade de gênero, permitindo que as mulheres acessem e discutam sobre informações e conteúdos que são pouco retratados na sociedade. Com essa pesquisa, conclui-se que as páginas feministas do *Instagram*, embora essenciais para a difusão do movimento, não podem ser alocadas como única ferramenta de apoio à saúde mental de mulheres ativistas. Através dessa investigação foi suscitado que outras pesquisas nessa área devem ser realizadas para acompanhar a atuação do movimento feminista nas mídias sociais.

Palavras chave: Movimento Feminista; Redes Sociais; Internet.

ABSTRACT

Introduction: The new technologies have enabled the emergence of a new space for manifestations of Feminism. Thus, there was a restructuring of its form of political and cultural mobilization, this new organization is called Cyberfeminism. **Objective:** To describe and analyze the spaces for exchanging virtual experiences among feminist women and to know the support strategies created in these groups with a view to maintaining physical integrity, mental health and self-care. **Method:** This is a qualitative study with netnography as the type of study, carried out in five stages. The first with the definition of the research question, the second with the selection of the profiles, which were five feminist pages of the social network Instagram, the third through the observation and collection of data from the profiles, the fourth analyzing the data and interactive interpretation of the results and, finally, the writing and reporting of research results and their theoretical and practical implications. **Results:** The results showed that the analyzed pages approach emphasizing themes of empowerment, self-care, politics, abortion and/or maternity, misogynist and violence. All themes were presented in a plural way, diversity that is part of intersectionality, characteristic of Cyberfeminism. **Conclusion:** It was observed that feminist social networks contribute to the democratization of access to information through the discussion of different topics, among them, themes of mental health, self-care and gender equality, allowing women to access and discuss information and contents that are little portrayed in society. With this research, it is concluded that feminist Instagram pages, although essential for the spread of the movement, cannot be allocated as the only tool to support the mental health of women activists. Through this investigation it was raised that further research in this area should be carried out to monitor the performance of the feminist movement on social media.

Keywords: Feminist Movement; Social Networks; Internet.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	13
2.1 Objetivos específicos	13
3 METODOLOGIA	13
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	15
4.1 Identificação e características de cada uma das páginas do Instagram de mobilização feministas	16
4.2 Empoderamento	17
4.3 Autocuidado	18
4.4 Violência	20
4.5 Política	22
4.6 Machismo	25
4.7 Aborto e/ou Maternidade	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
Referências	31

1 INTRODUÇÃO

Embora o enfoque dessa pesquisa seja o Ciberfeminismo, é preciso discutir inicialmente como se construiu e consolidou o movimento feminista durante a história. O movimento feminista, de acordo com Sousa e Araújo (2018) é cronologicamente dividido em três ondas e assim será abordado a seguir para melhor contextualização.

A primeira onda surge na Europa na última década do século XIX, quando as mulheres lutavam por direitos que ainda não eram garantidos por leis. A primeira reivindicação foi pelo direito ao voto, gerando manifestações que se espalharam por vários países. Essas mulheres ficaram conhecidas como sufragistas e o primeiro país que conquistou o direito ao voto foi a Inglaterra em 1918. No Brasil, a onda feminista teve o apoio de Bertha Lutz, bióloga e cientista renomada, sendo uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino que levou ao senado um abaixo-assinado pelo direito ao voto das mulheres. Contudo, somente em 1932 esse direito foi conquistado (PINTO, 2010).

Em 1950 é iniciada a segunda onda do movimento, caracterizada pela publicação do livro *O Segundo Sexo*, de Simone Beauvoir (1967, p. 09), no qual ela afirma.

[...] ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um outro.

A segunda onda do movimento, foi caracterizada não só por espaço na sociedade em todas as esferas, mas também começaram a defender o princípio de liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Em 1960, o feminismo havia ganhado espaço no mundo, mas no Brasil, em contrapartida, o movimento perdeu grande representatividade devido ao golpe militar (PINTO, 2010).

Ainda no Brasil, após o período ditatorial e a reinserção da democracia, o movimento volta a se consolidar através da luta conjunta de grupos de mulheres que tratavam sobre diversas pautas. O movimento teve avanços como a inclusão dos direitos das mulheres na Constituição de 1988. Sendo esta reconhecida como uma das constituições que mais garante os direitos das mulheres no mundo (PINTO, 2010).

Devido ao feminismo tratar das diversas lutas das mulheres, foram sendo criadas vertentes que abordam assuntos de particulares grupos de mulheres com um recorte mais

específico (SOUZA e ARAÚJO, 2018). Essa ampliação do movimento é caracterizada como o início da terceira onda que ocorreu em meados de 1990.

Sobre a proposta central do movimento atual, Coelho (2016, p. 04) ressalta que:

[...] as questões feministas não se encerram em torno de "uma mulher", como um sujeito único, mas de "mulheres": brancas, negras, domésticas, índias, ricas, donas de casa, artistas, lésbicas, trans, entre tantas outras, que por serem diferentes e iguais sofrem iguais e diferentes opressões.

O Ciberfeminismo, termo inspirado no "*Manifesto Cyborg*" de Donna Haraway (1984) que faz uma viagem pelo estado dos estudos culturais, estudos de gênero, em particular, a discussão sobre a identidade e o lugar das mulheres no mundo" (VEIZAGA, 2019, p. 41), surge na terceira onda do movimento feminista, junto com as primeiras redes de computadores (HERNANDES, 2015). Essas novas tecnologias possibilitaram o surgimento de um novo espaço de manifestações.

Dessa forma, vários movimentos sociais, como o feminismo, reestruturaram sua forma de mobilização política e cultural. Sendo assim, o Ciberfeminismo pode ser conceituado como "[...] uma prática feminista em rede, que tem por intuito, tanto politicamente, quanto esteticamente, a construção de novas ordens e desmontagem de velhos mitos da sociedade através do uso da tecnologia." (COLLADO e NAVARRETE, 2006, *apud* LEMOS, 2009, p. 41).

Com o advento das redes sociais mais conhecidas do mundo: *Facebook*¹ (2004), *Twitter*² (2006) e *Instagram*³ (2010), o movimento feminista passou a utilizá-las como ferramenta de mobilização e exposição de suas pautas, o que em décadas anteriores ocorria apenas em locais de concentração de mulheres, como locais públicos.

Essa mudança permitiu que muitas mulheres se engajassem no movimento em razão de poderem utilizar as redes sociais para discussão de questões sobre feminismo e patriarcado de maneira virtual. Desse modo, as redes sociais têm sido uma ferramenta aliada ao movimento feminista, como instrumento de propagação de conteúdos e mobilizações (LEMOS, 2009).

¹ Facebook: Mídia social e Rede social virtual lançada em 4 de fevereiro de 2004 (FACEBOOK, 2020).

² Twitter: Rede social que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (TWITTER, 2020).

³ Instagram: Rede social que permite se conectar com os amigos, compartilhar o que se está fazendo e ver as novidades de outras pessoas no mundo todo (INSTAGRAM, 2020).

Por meio das mídias sociais, diversas mulheres se organizaram para discutir inquietações comuns, como foi o caso da campanha *#PrimeiroAssédio*, promovida no *Twitter* e *Instagram*, no ano de 2013, pelo grupo ativista feminino *Think Olga*. Esta campanha teve como objetivo convidar as seguidoras a compartilharem histórias de seu primeiro assédio, no intuito de favorecer o empoderamento das mulheres, que ao relatarem sua história, passariam a se reconhecer como vítimas, eliminando a culpa de seu imaginário. Essa página, assim como outras, promovem discussões contra o assédio e outros tipos de violência contra a mulher (SOUSA; ARAÚJO 2018).

Com o crescente aumento do conservadorismo vindo de uma sociedade de cultura misógina e patriarcal, vivemos diversos retrocessos sobre os direitos democráticos recém-adquiridos. Silva (2019, p. 186), indica que no ano de 2019 houve.

[...]o sufocamento público dos direitos conquistados pelas chamadas minorias, como as mulheres e a comunidade LGBTI, os discursos de ódio contra supostos apoiadores de regimes contrários à ideia do capitalismo e do estado liberal, somados à criação de ministérios como o “Ministério da Família”.

Além dos retrocessos que o Estado vem impondo sobre a vida das mulheres, é importante ressaltar que o Estado também interfere pela não ação, ou seja, quando deixa de fazer algo que tinha como função e que garantiria o acesso aos direitos das mulheres. De acordo com o Relatório Luz da Sociedade Civil (2019), o programa “Políticas para as Mulheres: Promoção da Autonomia e Enfrentamento à Violência”, criado no ano de 2012 com o objetivo de ampliar a política de proteção à mulher, vem a partir de 2016 tendo seu orçamento sistematicamente diminuído. O ano de 2019 foi o de menor orçamento desde sua criação. Também de acordo com o relatório, no ano de 2019 nenhum recurso foi destinado à Central de Atendimento à Mulher (o Ligue 180), ferramenta essencial para o enfrentamento da violência contra a mulher.

Nesse contexto, o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (2016, p. 12 e 13), organização não governamental e sem fins lucrativos, ressalta que:

[...]vivemos em um mundo em que homens, atacam os nossos direitos sexuais e reprodutivos, mobilizam o ódio misógino e lesbo trans – homofóbico, reforçam a cultura do estupro, incentivam o ódio misógino, se recusam a reconhecer as desigualdades e as perspectivas de gênero. Rejeitam o marco ético e político dos direitos humanos. Todos esses embates marcam também a crise política, tecida pela trama conservadora que avançou a passos longos. Nesse contexto, os desafios que cada ativista enfrenta são enormes.

Diante da realidade de uma sociedade que vem impelindo sucessivos retrocessos aos direitos das mulheres duramente adquiridos, torna-se desafiador para mulheres ativistas manter a integridade de sua saúde mental e o autocuidado em tempos marcados pelo ódio e pela perseguição contra os movimentos sociais, dentre eles o feminista.

A principal motivação para o desenvolvimento da pesquisa reside na importância que o tema possui para a sociedade atual que cada vez mais faz uso das mídias sociais. O *Instagram* foi a rede social que mais cresceu nos últimos anos, possuindo atualmente mais de 01 bilhão de contas ativas no mundo (INSTAGRAM, 2018).

Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa foi descrever e analisar, por meio de uma abordagem qualitativa, na perspectiva da netnografia, perfis/páginas⁴ Feministas da rede social *Instagram* e conhecer as estratégias de suporte criadas nestas páginas, que favorecem o autocuidado, a saúde mental e a integridade de mulheres feministas.

2 OBJETIVOS

Descrever os espaços de troca de vivências virtuais entre mulheres feministas conhecendo as estratégias de suporte criadas nestes grupos com vistas a manter a integridade física, sua saúde mental e o autocuidado.

2.1 Objetivos específicos

- Analisar o espaço de cada grupo virtual de mulheres feministas;
- Compreender as características de cada grupo virtual de mulheres feministas;
- Caracterizar as atividades desenvolvidas;
- Verificar o tipo e a qualidade de interação apresentada.

3 METODOLOGIA

O estudo tem como abordagem a pesquisa qualitativa que, de acordo com Minayo *et al.* (2002, p. 21 e 22).

⁴ O perfil/página mostra sua biografia e suas publicações do Instagram. É também onde você pode editar as informações do seu perfil e alterar as configurações da conta (INSTAGRAM, 2020).

[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos, e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A análise metodológica do estudo tem como base a netnografia, que Segundo Kozinets (2014 p. 61 e 62), “[...] se caracteriza por um trabalho de campo *on-line*, usando comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e a representação etnográfica.”

De acordo com Kozinets (2014, p. 63), a pesquisa netnográfica organiza-se nas seguintes etapas.

[...] (1) Definição das questões de pesquisa, websites sociais ou tópicos a investigar; (2) Identificação e seleção de comunidade; (3) Observação participante da comunidade (envolvimento e imersão) e coleta de dados; (4) Análise de dados e interpretação interativa dos resultados; (5) Redação, apresentação e relato dos resultados de pesquisa e/ou suas implicações teóricas e/ou práticas.

Foi utilizado o projeto de pesquisa - Mulheres ativistas em tempos de crise e saúde mental: a dimensão do uso das mídias sociais no ativismo feminista na contemporaneidade, do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília, com número de inscrição/aprovação 2849, para o construto deste trabalho, que definiu como questão de pesquisa: de que forma as redes sociais estão contribuindo na manutenção e no incremento da saúde mental, do autocuidado e da integridade de mulheres feministas?, por seguinte ocorreu a seleção das páginas, foram selecionados 05 páginas feministas da rede social *Instagram*. Os critérios de inclusão foram: perfis que se denominassem feministas; que possuísem mais de 60 mil seguidores (devido ao maior alcance); e que tivessem postagens semanais. Os critérios de exclusão foram perfis que não postassem questões relativas ao movimento feminista.

Os perfis selecionados foram: Sagrado Feminista; Feminismo; Mulheres Históricas; QG Feminista e Feminista Explicando Feminismo. Vale ressaltar que as páginas foram escolhidas por conveniência, sendo páginas citadas por aquelas já seguidas pela pesquisadora.

Após a seleção dos perfis, a terceira etapa foi de observação e coletas de dados dos perfis que passaram a ser seguidos pela conta pessoal da pesquisadora. Eram observadas as postagens feitas no *feed* diariamente, já a coleta de dados era feita uma vez por semana, todas às terças feiras. Todas as anotações eram feitas em um diário de campo. A observação e coleta dos dados de cada perfil iniciaram no dia 23 de outubro de 2019 e encerraram no dia 28 de janeiro de 2020, totalizando 14 semanas.

Após a coleta de dados foi elaborado uma tabela para sistematizar as principais informações de cada perfil, como: número de seguidores, total de postagens, temas abordados nas postagens e quais tinham maior número de comentários. Durante a imersão, pode-se perceber que seis temas eram muito discutidos em todos os perfis, com isso, esses seis temas foram definidos como categorias de análise, sendo eles: Empoderamento; Autocuidado; Política; Aborto e/ou maternidade; Machismo e Violência. Na quarta etapa, a análise dos dados ocorreu utilizando-se das categorias citadas para identificar a contribuição de cada perfil no autocuidado, na saúde mental e na integridade das mulheres feministas, à luz da literatura.

A pesquisa não foi submetida ao comitê de ética, pois a partir do momento que o usuário faz uma conta em uma rede social, ele deve aceitar a política de privacidade da plataforma, tornando as informações compartilhadas públicas. Nesse contexto, o objetivo da pesquisa foi observar a interação das redes sociais e não do indivíduo. De acordo com Kozinets (2014) a pesquisa permanece ética e mantém o anonimato dos usuários da rede.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mídias sociais têm se tornado um importante instrumento para mobilização de manifestações feministas. Através desse espaço os perfis feministas da rede social *Instagram* têm promovido discussões sobre pautas feministas para que as mulheres possam ter um contato maior com assuntos que são poucos retratados na nossa sociedade (LEMOS, 2009). A tabela a seguir mostra os resultados da atividade de cada perfil durante a análise e o número de publicações de cada tema.

TABELA: Resultados da atividade de cada perfil e número de publicações em cada tema.

Páginas	Temas abordados nas publicações					
	Empodera mento	Autocuida do	Violência	Política	Machismo	Aborto e/ou Maternidade
Feminismo	35	35	134	14	37	13
Feminista Explicando Feminismo	10	14	15	7	5	3
Mulheres Históricas	100	117	155	31	71	10
QG Feminista	57	50	70	15	41	6
Sagrado Feminista	25	31	10	8	6	7

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pela autora (2020).

4.1 Identificação e características de cada uma das páginas do *Instagram* de mobilização feministas

Feminismo é uma página aberta criada no ano de 2012 que no início da coleta contava com 766 mil seguidores e no final contava com 886 mil seguidores. A página posta fotos e vídeos com textos e utiliza a ferramenta do *IGTV*⁵ para vídeos mais longos. Também é vinculada com uma conta do YouTube. A única ferramenta de interação com os seguidores é por meio dos “*stories*”⁶.

Feminista Explicando Feminismo é uma página aberta criada no ano de 2017 que no início da coleta contava com 82,3 mil seguidores e no final contava com 171 mil seguidores. Têm publicações autoexplicativas (que não têm legendas, indicando que as postagens não precisam de explicações para serem facilmente entendidas), outras que são acompanhadas de textos nas legendas, além de manter informações úteis nos destaques, como sobre métodos

⁵ IGTV: Plataforma do Instagram voltada para publicação de vídeos com duração maior que um minuto e meio (INSTAGRAM, 2020).

⁶ Stories: Consiste na possibilidade de publicar fotos ou vídeos que ficam disponíveis por até 24 horas (INSTAGRAM, 2020).

contraceptivos. A página sempre utiliza a ferramenta *caixa de perguntas*⁷ dos *stories* para pedir sugestões de temas para *posts*⁸ e responde alguns comentários de suas publicações.

Mulheres Históricas é uma página aberta criada no ano de 2018 que no início da coleta contava com 333 mil seguidores e no final contava com 391 mil seguidores. As ferramentas de interação da página são através de posts, do *IGTV* e dos *stories*. Além do *Instagram*, a página também utiliza o Facebook. A página usa a *caixa de perguntas* dos *stories* como uma maneira de interação com o público, fazendo perguntas e o administrador da página responde compartilhando pelos *stories*. Responde também alguns comentários de suas publicações.

QG Feminista é uma página aberta criada no ano de 2017 que no início da coleta contava com 64 mil seguidores e no final contava com 74,1 mil seguidores. A página posta fotos e vídeos com textos, utiliza a ferramenta do *IGTV* para vídeos mais longos. Além do *Instagram*, a página posta seus conteúdos no Twitter, YouTube, Facebook e no site chamado *médium.com*. A página interage com o público respondendo alguns comentários de suas publicações.

Sagrado Feminista é uma página aberta criada no ano de 2016 que no início da coleta contava com 320 mil seguidores e no final contava com 356 mil seguidores. A página faz publicações com fotos e vídeos contendo textos explicativos, utiliza a ferramenta do *IGTV* para vídeos mais longos. A página interage com o público respondendo alguns comentários de suas publicações.

Em seguida, serão discutidos os temas mais abordados durante a coleta de dados das páginas.

4.2 Empoderamento

A palavra empoderamento tem origem na palavra poder, no entanto, uma palavra que é derivada de outra pode não ter o mesmo significado. Os perfis analisados abordam este tema dentro de uma mesma perspectiva, na qual pensar empoderamento como “dar poder”, é

⁷ Caixa de perguntas: Ferramenta que permite os seguidores fazerem perguntas ao dono da página (INSTAGRAM, 2020).

⁸ Posts: Conteúdos publicados pelas páginas que podem ser fotos, áudios, vídeos, texto ou todos juntos, é o mesmo que publicações (INSTAGRAM, 2020).

apenas considerá-lo numa perspectiva individualista, sobre o fato de um sujeito exercer o poder sobre suas próprias escolhas, e isso seria errado (BAQUERO, 2012).

Essa perspectiva de compreensão de empoderamento nos remete a Paulo Freire, que é um dos principais precursores do termo. Para ele, empoderamento não se trata de um processo de natureza individual, mas sim coletivo. O autor ainda afirma não acreditar na auto libertação, pois a libertação é um ato social (FREIRE, 1986). Para Freire, a liberdade de grupos oprimidos se dá de forma coletiva, mas para essa libertação é necessário ter consciência individual sobre si em perspectiva política. Somente a partir deste momento vem a etapa de promover a consciência coletiva das minorias sociais que são oprimidas, gerando debates sobre mudanças em diversos contextos. dentre eles o político, o econômico e o social (BAQUERO, 2012).

Diante disso, como os perfis selecionados explicam o feminismo como um movimento coletivo? Podemos exemplificar pela abordagem da página Mulheres Históricas que responde a essa pergunta através dos *stories* que estão em destaque em seu perfil. A página informa que o indivíduo não sofre machismo, racismo, gordofobia, lgbtfobia por que é uma pessoa individual. Ele sofre essas opressões sistêmicas porque faz parte, coletivamente, desse grupo social. Então, não teria lógica alguma abordar o empoderamento e o feminismo por uma perspectiva liberal.

O empoderamento feminino na atualidade usa a tecnologia a seu favor, no qual Cardoso e Lopes (2018, p. 14), afirmam.

Ao observar a historicidade do empoderamento feminino, percebe-se que ganhou diversas formas de acordo com o contexto socio-histórico. Na modernidade líquida essa situação não é diferente, com o avanço da tecnologia, o movimento apropria-se de outros meios de divulgar a sua ideologia, as redes sociais. Nas redes sociais, o empoderamento feminino tem alcançado um amplo público, conscientizando-o sobre a condição feminina na sociedade.

Desse modo, o empoderamento é visto também como o acesso a informações, transmitidas pelas redes sociais aos seus seguidores. Assim todas as discussões trazidas pelas páginas analisadas, caracterizam uma maneira de empoderar as mulheres sobre diferentes assuntos. Tornando a informação importante para a libertação das mulheres e transformando-se em estratégia do ciberfeminismo (OLIVEIRA; PINTO, 2016).

4.3 Autocuidado

Como já mencionado, ocorreram vários retrocessos sobre a luta do movimento feminista. Diante dessa realidade de machismo desenfreado, os últimos anos têm sido extremamente exaustivos para as mulheres, especialmente no Brasil, com a eleição do presidente Jair Bolsonaro. Um presidente de extrema-direita, que em seus discursos prega o ódio contra as minorias mostrando-se ser um retrato fiel do patriarcado (VAZQUEZ, 2019).

É possível observar que a partir das eleições de 2018, a busca pelo termo “autocuidado” no *Google Trends* alcançou a maior alta dos últimos 05 anos e vem crescendo cada vez mais até o período da pesquisa. *Google Trends* é uma ferramenta que mostra a quantidade de buscas no *Google* de um termo em um determinado período, o dado foi obtido pela busca da própria pesquisadora. Diante disso, torna-se necessário que as mídias sociais feministas abordem sobre a temática.

Discutir sobre autocuidado nas redes sociais é uma estratégia essencial para a vida das mulheres, especialmente as ativistas do movimento feminista no contexto atual. França (2017, p. 17) afirma que:

[...] as comunidades virtuais de cunho feminista têm sido palco de produção de saberes que colocam em xeque o valor do cientificismo produzido para manutenção da supremacia masculina branca. Portanto, os discursos feministas no ciberespaço indicam outras possibilidades de crescimento político e construção de informações que visam à independência social da mulher através da retomada de autonomia do próprio corpo.

Assim, a página Feminismo ressalta que o tema precisa ir além do cuidado com o corpo, beleza e aparência, para não ser entendido como algo superficial que reflita os valores da cultura patriarcal. De acordo com a página, o autocuidado teria a ver com oferecer a si mesmo o que se necessita, buscar ajuda, redes de apoio e também estabelecer limites como, por exemplo, saber dizer não em contextos opressores.

A página Mulheres Históricas tem um conteúdo nos destaques retratando os tipos de transtornos de ansiedade e os sintomas que caracterizam a depressão, mencionando a importância da atuação de terapeutas na eficácia do tratamento dessas doenças. Já a Sagrado Feminista, em uma de suas publicações com mais de 500 comentários (até o período da coleta dos dados), fala sobre o cuidado da vagina e a importância do autoconhecimento do corpo feminino. Enquanto a QG Feminista e Feminista Explicando Feminismo, ressaltam que o

processo do autocuidado é um ato de amor que vai além do cuidado com o corpo e suas características físicas, sendo necessário entender que somos mais que um corpo.

Segundo Wolf (1991), em seu livro *O Mito da Beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*, o autocuidado é visto por muitas pessoas como um cuidado com a beleza e aparência de si, mas destaca que essa lógica de pensamento leva ao interesse capitalista, como também afirma a página Feminismo, de querer lucrar com a insatisfação corporal das mulheres por conta da pressão estética advinda dos padrões impostos de “ideal feminino” fazendo com que as mulheres se sintam insatisfeitas com a própria imagem. A partir disso vem a venda de produtos, procedimentos estéticos e até antidepressivos, desse modo é interessante ao capitalismo a alienação. Com essa realidade, o movimento feminista precisa lutar contra essa pauta estética de exploração e capitalismo, tornando claro os reais objetivos do movimento, principalmente a igualdade de direitos. Falar sobre o verdadeiro autocuidado nas redes sociais é uma excelente estratégia de combate ao patriarcado e capitalismo.

4.4 Violência

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1996 p. 04), violência é.

[...] uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Minayo (2006, p.08), afirma que, “a violência, em si, não é um tema da área de saúde, mas a afeta porque acarreta lesões, traumas e mortes físicas e emocionais.” Segundo o Atlas da Violência produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea (2018, p. 44) “4.645 mulheres foram assassinadas no país, o que representa uma taxa de 4,5 homicídios para cada 100 mil brasileiras. Mulheres negras sendo a maioria nesse levantamento.”

Durante a coleta dos dados foi observada que certas publicações da categoria de violência recebiam grande número de comentários, essas publicações envolviam discussões como racismo, fascismo, homofobia, violência contra a mulher (assédio e abuso sexual). Grande parte dos comentários era de repúdio de mulheres sobre esses atos de violência e discussões sobre estas pautas.

Uma dessas publicações com maior número de comentários (no momento da coleta, com 5.719 comentários) foi do perfil Sagrado Feminista sobre um homem que fez comentários preconceituosos e racistas em sua rede social contra a atual miss universo, a Sul-africana Zozibini Tunzi, que ao receber a coroa fez declarações contra o preconceito, o racismo e o machismo.

Segundo Cruz (2004), uma pesquisa realizada por Isabel Cristina, Coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Saúde e Etnia Negra da Universidade Federal Fluminense, aponta que a saúde mental de mulheres negras sofre grande impacto devido à discriminação, racismo e sexismo. Em seu estudo é relatado que 46,5% das mulheres negras mudariam algo em seu corpo, o que é entendido pela autora como um distúrbio de autoestima. A pesquisadora ressalta que esse distúrbio pode ser consequência de sofrimento psíquico e esse sofrimento pode estar associado à taxa de mortalidade por transtornos mentais, uma vez que o estudo aponta que a diferença entre a taxa de mortalidade entre mulheres negras e não negras pode ser resultado de um tratamento racionalizado da sociedade. A taxa de mortalidade por transtornos mentais de mulheres pretas é de 3,29; enquanto mulheres brancas é de 1,92.

A análise das páginas mostrou que todas as mesmas postavam publicações que envolviam a importância do feminismo negro, com o objetivo de promover e trazer visibilidade a essa pauta. A página QG Feminista abordou sobre a importância do feminismo ser antirracista, colaborando para que suas seguidoras tivessem acesso a esse tema e o discutissem através dos comentários.

Dentro dessa perspectiva, é importante ressaltar a atribuição que o feminismo negro, que surge a partir da terceira onda do movimento, tem nos dias atuais. O feminismo negro, de acordo com Assis (2018, p. 03).

[...] surgiu através das especificidades vivenciadas pelas mulheres negras, que travam lutas também referentes a raça, que é um fator determinante para a vivência de opressões que não acontecem com as mulheres brancas, o feminismo negro é um grande aliado para a discussão sobre as opressões da mulher negra, pois discute e pauta lutas no sentido de desconstruir e derrubar padrões socialmente naturalizados, que posiciona a mulher negra no grupo inferiorizado pela sociedade e que consequentemente mais sofre violências.

Assim como questões raciais, outras formas de violência contra a mulher foram muito abordadas. A página Mulheres Históricas abordou a violência praticada pela polícia durante protestos e a homofobia. Durante a mesma semana, a publicação com maior número de comentários das páginas Feminismo e Feminista, Explicando Feminismo eram falando sobre

o caso do cantor sertanejo Victor da dupla “Victor e Léo”, que agrediu fisicamente a namorada e foi condenado a cumprir apenas 18 dias de prisão. Após divulgação da sua pena, o cantor publicou um vídeo em sua rede social debochando ironicamente de toda a situação. Os comentários de ambas as publicações envolviam a discussão sobre a criação de penas mais severas aos homens que cometem violência contra a mulher.

A discussão do tema violência para muitas mulheres se torna um gatilho de sofrimento mental, e o que as páginas fazem para evitar essas situações, é avisar que determinada publicação pode haver conteúdo delicado, podendo explicitar violência. A partir disso, a publicação torna-se censurada, cabendo ao seguidor decidir se quer vê-la ou não. Portanto, essa ferramenta torna-se muito importante para manter a integridade da saúde mental dos seguidores.

Com o crescente aumento do movimento feminista nas redes sociais, o ambiente virtual também se tornou um espaço de violência contra a mulher. A grande maioria desses ataques vêm por parte dos ex companheiros, namorados e perfis conservadores que tentam derrubar as páginas feministas. Nesse contexto, o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), elaborou um guia de Estratégias e Táticas para a Segurança Digital Feminista tendo como objetivo proporcionar às mulheres maior autonomia e segurança na internet, apresentando estratégias e táticas de defesa digital (CFEMEA, 2017). Contudo, as páginas analisadas não abordaram sobre como as mulheres podem se prevenir da violência virtual, tema que poderia possibilitar uma excelente estratégia de combate a violência virtual.

4.5 Política

Atualmente, o Brasil está passando por um período de crise política, que, de acordo com Vazquez (2019), vem desde 2015 com o impeachment da Presidente Dilma Rousseff. Porém, antes mesmo do impeachment, com as eleições super acirradas, já era possível notar que grupos de extrema-direita estavam crescendo pelo congresso, através de um discurso anticorrupção, que já mostrava um ar de conservadorismo. Por meio desse discurso Jair Bolsonaro se destacou e ganhou grande reputação para tornar-se um dos candidatos à presidência na eleição seguinte, fato que culminou em sua vitória no ano de 2018 (VAZQUEZ, 2019).

Hoje, observa-se que o governo do atual presidente é regido por uma linha fascista que afeta as ditas minorias da nossa sociedade, principalmente as mulheres. Vazquez, (2019, p. 599), afirma que.

O fascismo tem um discurso nacionalista, se mostrando como única solução para os problemas do país, geralmente através de um líder autoritário, bem como um forte apelo ao militarismo, desprezo aos direitos humanos e às minorias. Além disso, elege um grande inimigo comum ao qual responsabiliza pelos principais problemas nacionais.

Diante disso é possível contextualizar fatos que ocorreram no atual governo, que ligam-se à ideologia fascista, como menciona a autora acima. O principal deles é o apoio do presidente a grupos contra os Direitos Humanos que defendem o golpe de Estado, o fim do Supremo Tribunal Federal e a volta da ditadura militar. Bolsonaro também é conhecido por insultar mulheres como a ex-ministra dos Direitos Humanos, Maria do Rosário, dizendo que só não a estupraria porque ela não merecia (VAZQUEZ, 2019).

Com essa realidade, o movimento feminista vem batendo de frente contra o atual governo através de repúdio e protestos. Durante a análise das páginas foi observado que todas tinham publicações contra o Governo atual e a maioria promovia o uso da *hashtag* #elenão no intuito de repudiar os atos do Presidente.

A página Feminismo abordou sobre política em algumas publicações e através dos stories que estão em destaque no perfil, apresentou um vídeo que mostra a administradora da página relatando um acontecimento, o qual foi transcrito a seguir:

Página Feminismo: “Os mesmos que pedem respeito ao Bolsonaro em relação ao “ei Bolsonaro vai tomar no c” são os mesmos que mandaram a Dilma Rousseff tomar no c* e são os mesmos que na verdade, fizeram um adesivo com alusão ao estupro da Dilma, vocês não lembram? Que eles colocavam a Dilma com a perna arreganhada nos seus carros e aonde seria a vagina dela é onde entra a mangueira para botar gasolina no carro? Porque eu lembro! E eu lembro também que a Dilma não respondeu a altura de nenhum deles e sabe o que aconteceu? O Bolsonaro no primeiro carnaval e na primeira manifestação contra ele me fez um vídeo... me coloca um vídeo, no seu twitter de golden shower porque ele não aguentou a pressão... esse homem é um mimado, ele não tinha que estar na frente da nossa nação e quem o defende é tão mimado quanto e não entende o nosso passado... recente. Complicado.” (Feminismo)*

Uma das principais publicações que a página Feminista Explicando Feminismo postou sobre política foi uma poesia em formato de vídeo narrado pela própria autora da poesia – Mariana Felix. O vídeo está localizado no IGTV da página. Esse vídeo obteve 13.256 visualizações e 77 comentários (até o momento da coleta dos dados) que continham

mensagens de apoio, mas também de ódio por parte de perfis falsos. A poesia tem o título de “*cidadão do bem*” que foi transcrita a seguir:

“Eu fiquei me perguntando: como o discurso de ódio ficou em primeiro lugar nas intenções de votos?/ Eu tenho um casal de amigas que se amam/ Legítima defesa/ Nossos punhos cerrados não comportam a sua ausência de decência/ Na campanha eleitoral ele não disse que eu merecia ser estuprada, mas 30% da intenção é que eu ficasse calada, isso não é um abuso?/ A pessoa que eles chamam de mito xinga índio de vagabundo/ Amar ao próximo/ Me pergunto se depois de ofender os outros eles não sentem remorso/ Quando a gente deposita ira nas urnas a gente amanhece ditadura/ Amarelo era do ouro e já nos roubaram/ Verde era da mata e já desmataram/ O azul hoje é cinza, entende? Nem tem mais sentido eles usarem essa camisa/ O mbl, kaart é moralista, mas e a pedofilia nas igrejas? Qual página que denuncia? Eu não entendo mandato fascista/ O mundo já viu nazismo acabar com vidas/ Presidente o senhor deveria aprender o que é respeito/ Símbolo de revolução foi Martin Luther King e ele era negro/ Se todo cidadão de bem tiver porte de arma, mas quantas mulheres não serão assassinadas dentro de suas próprias casas?/ Me dizem que país esse povo vivem que trabalhando se conquista um pedaço de chão?/ Casa própria sem causa própria significa trinta anos de prestação/ Sabe qual que é a diferença entre o comunismo e o capitalismo?/ É que o primeiro divide o pão e o segundo trafica órgãos de meninos desaparecidos/ Veja bem quem são os meritocratas herdeiros/ Nosso governador fala de trabalho, mas nunca se quer deu um passo fora do centro/ Quando eles digitam um comentário racista na internet, será que eles contam isso para Deus em suas preces?/ Ou eles pedem simplesmente para que Deus proteja as suas famílias/ Porque se Deus for justo mesmo esse pedido não passa de tirania, que jamais será ouvida/ Quando a gente deposita militarismo nas urnas, a gente amanhece tortura/ Se a solução do atual presidente pros problemas do mundo é o silenciamento e crueldade, eu só posso ter muita fé e pedir: mãe nos proteja porque eles não sabem o que fazem/ Dos filhos desses solo eu sou mais um servil...eu queria muito conseguir te amar Brasil.”

A página Sagrado Feminista em todas as suas publicações com relação a política também abordou sobre o presidente Jair Bolsonaro. Uma das publicações com maior número de comentários foi sobre a polêmica envolvendo o Presidente Francês Emmanuel Macron, que disse “esperar que Brasil tenha logo um presidente que se comporte à altura do cargo.” Essa polêmica se deu após Bolsonaro fazer comentários desrespeitosos sobre esposa de Macron. A publicação teve 111 comentários e todos eram de mulheres apoiando e concordando com o presidente Francês.

Embora um presidente possua responsabilidade sobre o que fala, já que a propagação de informações pela internet é rápida e de nível internacional, como as páginas ressaltam, Jair Bolsonaro frequentemente profere discursos contra os movimentos sociais compostos por minorias, especialmente por mulheres. O que nos leva a refletir que há um colapso iminente dos direitos das mulheres, já que conquistas adquiridas ao longo dos anos estão perdendo espaço, com a volta de governos patriarcais (FERREIRA, 2018).

As páginas Mulheres Históricas e QG Feminista, além de se posicionarem contra Bolsonaro, em suas publicações também abordaram sobre o feminismo como um movimento político. Essas páginas defendem que o feminismo é uma luta política coletiva pela emancipação das mulheres, ou seja, quando as mulheres se estruturam para protestar, estudar e até mesmo pensar em soluções estão fazendo política. Assim essas páginas também alinham seus posts através da concepção liberal de que para haver mudanças por direitos iguais é necessária a participação política das mulheres (MARTINEZ, 2019). Concepção compartilhada também por Costa (2007, p. 53).

Ao afirmar que "o pessoal é político", o feminismo traz para o espaço da discussão política as questões até então vistas e tratadas como específicas do privado, quebrando a dicotomia público-privado, base de todo o pensamento liberal sobre as especificidades da política e do poder político. Para o pensamento liberal, o conceito de público diz respeito ao Estado e às suas instituições, à economia e a tudo mais identificado com o político. Já o privado se relaciona com a vida doméstica, familiar e sexual, identificado com o pessoal, alheio à política

Apesar de duas páginas terem abordado sobre o feminismo como um movimento político, o assunto sobre o movimento feminista e a participação política das mulheres não foi bem abordado por todas as páginas. O que nos remete a entender que o movimento precisa ocupar mais esse espaço para a mudar essa realidade, pois de acordo com o Relatório Mais Mulheres na Política (2005, p. 32), “o Brasil ocupa a posição 158º referente à participação política feminina no poder legislativo e está nas últimas posições do ranking da América Latina.”

4.6 Machismo

Existem várias formas de machismo, o que será abordado a seguir não está ligado à violência e sim a um discurso atrelado à cultura. Conceitualmente, “o machismo pode ser concebido como um conjunto de atitudes, comportamentos, percepções de mundo e normatização, cujo principal referencial é o fato da figura masculina se sobrepôr, em diversos sentidos, ao feminino” (OLIVEIRA; LIMA; GOMES, 2018 p. 70).

Segundo Vianna (2015), a Organização Mundial de Saúde (OMS) vem há muitos anos ressaltando a relação entre os determinantes sociais e a saúde, ou seja, existem vários aspectos que influenciam diretamente a saúde das pessoas, dos quais podemos destacar os fatores econômicos, sociais, culturais e comportamentais e que, inerentes a eles, existem diferentes formas de opressão como o machismo e a desigualdade de gênero, favorecendo o adoecimento psíquico das principais vítimas dessas práticas que são as mulheres.

As páginas analisadas abordam de diferentes formas o tema machismo. Essa abordagem é importante para que as mulheres compreendam que o machismo está intrinsecamente relacionado à saúde mental das mesmas.

Em uma de suas publicações sobre a temática, as páginas Feminismo e Sagrado Feminista trouxeram o seguinte questionamento: “Qual foi a coisa mais machista que o seu parceiro já lhe disse?”. Essa publicação teve um grande número de comentários em ambas, nos quais as seguidoras respondiam a pergunta através de seus relatos pessoais. O conteúdo mais abordado nos comentários foi sobre o controle do corpo feminino e respostas como “se tu cortar o cabelo eu termino com você” e “você faltou o respeito comigo quando usou aquela roupa” foram frequentes.

O controle do corpo feminino também é relatado por França e Brauner (2018 p. 02), quando afirma que “o corpo feminino tem carregado consigo o peso de uma cultura machista, patriarcal, de controle e imposição de poder, reforçando a desigualdade de gênero, a qual leva à distinção social hierarquizante.”

As páginas Mulheres Históricas e QG Feminista abordam questões machistas através de discussões sobre gênero. Essas discussões ocorrem através dos posts e os stories que estão em destaques no perfil. As páginas defendem o fim do termo gênero (afirmando ser uma forma de opressão feminina) como a maneira principal de desconstrução de uma sociedade machista e patriarcal. De acordo com as páginas, gênero é conceituado como uma construção social de valores, que se divide em masculino e feminino, imposto no momento em que se nasce, de acordo com o sexo. Sendo assim, a mulher desde nova é criada com imposições de gênero machistas, como ser vaidosa, passiva e maternal, fato que é ligado à expressão: “Não se nasce mulher, torna-se mulher ” (BEAUVOIR, 1967, p.09).

Esta concepção também é compartilhada por Vera Soares (2004, p. 113-114).

O termo gênero se refere à construção social da identidade sexual, construção que designa às pessoas diferentes papéis, direitos e oportunidades, de acordo com seu sexo; enquanto o sexo se refere às diferenças biológicas entre homens e mulheres. As diferenças de gênero são constituídas hierarquicamente: a construção social do ser homem tem um maior status que a construção social do ser mulher.

A página Feminista Explicando Feminismo se expressou em um questionamento de seguidores sobre ser feminista e escutar funk, devido muitas músicas terem letras machistas. O perfil respondeu que em todos os gêneros musicais existem letras que envolvem um

contexto machista. Afirmaram que o funk é uma expressão cultural que nasceu em comunidades e por isso é criminalizado e visto com um olhar preconceituoso, declarando ser um ato extremamente racista criminalizar o funk. A página ainda explica que o funk representa uma cultura vivenciada nas comunidades. Além disso, generalizar o machismo no funk significaria ignorar que existem mulheres que cantam funk e produzem músicas que falam sobre liberdade, amor, autoaceitação e sexualidade feminina.

Com isso, falar sobre Machismo é importante pois “os fenômenos sociais são influenciados pelo contexto no qual estão inseridos” (DESOUZA; BALDWIN, ROSA, 2000 p. 485). Assim, o machismo é um fenômeno social que está atrelado a uma base estrutural de uma cultura com valores patriarcais, sendo importante o papel que as mídias sociais realizam na problematização e discussão de pautas com cunho machista.

4.7 Aborto e/ou Maternidade

A maternidade já era discutida desde a primeira onda do feminismo. A pauta mais questionada naquele período era sobre o direito de licença maternidade, já na segunda onda do movimento, através de publicações de Simone Beauvoir, defendia-se a ideia de que a maternidade era uma construção social. Desse modo, a segunda onda do feminismo se opôs às tendências conservadoras que naturalizavam o casar e ser mãe, como características femininas. Através dessas reivindicações, a descriminalização do aborto em alguns países e a invenção da pílula anticoncepcional, foram conquistas das mulheres. Na terceira e atual onda do movimento, é considerada a ideia de que a maternidade não deve ser negada, deve ser entendida como uma escolha e deve haver a criação conjunta dos filhos por parte do casal, não sendo responsabilidade apenas da mãe (VÁSQUEZ, 2014).

A página Feminismo aborda sobre o aborto com mais ênfase através dos stories que estão em destaques no perfil. A administradora da página ressalta que as pessoas não precisam ser a favor do aborto, mas sim da descriminalização. Ela enfatiza que é um problema de saúde pública, no qual o aborto está entre as primeiras causas de mortes maternas devido a complicações decorrentes do mesmo. É destacado que a maternidade compulsória e a falta de educação sexual existentes em nosso país, são problemas extremamente relevantes, que influenciam na criminalização do aborto.

A página Mulheres Históricas trouxe como discussão a reportagem de uma menina de dez anos com deficiência mental que foi internada numa maternidade no Acre para realizar

um aborto, a suspeita é de que a criança tenha sido abusada por mais de uma pessoa, no entanto, ela não pode fazer o procedimento, pois a gestação tinha chegado ao quinto mês. Os comentários da publicação envolviam repúdio a esse acontecimento e a legislação brasileira que autoriza apenas casos de aborto às vítimas de violência sexual até as 20 semanas de gestação.

Apesar do aborto ser crime no Brasil ele não deixa de existir, a Pesquisa Nacional do Aborto coordenada por Debora Diniz, Marcelo Medeiros e Alberto Madeiro no ano de 2016 comprova que 1 em cada 5 mulheres de até 40 anos já realizaram o aborto (DINIZ; MEDEIROS; MADEIRO, 2016). O direito de acesso seguro ao aborto no Brasil é uma longa luta do movimento feminista e que devido ao atual momento de retrocessos, está aumentando a sua discussão por meio da difusão de informações através das redes sociais, como foi constatado durante a pesquisa.

Sobre a maternidade, a página QG Feminista traz como discussão em várias publicações, que recebem milhares de curtidas, a temática da barriga de aluguel. Enfatizando ser uma forma de exploração reprodutiva, visto que um casal tem outras maneiras de ter filhos, como a adoção.

A página Feminista Explicando Feminismo abordou em uma de suas publicações sobre a maternidade da mulher negra. A publicação retrata que nem todas as mães negras dão o devido amor aos seus filhos, pois as mesmas carregam nas costas marcas de violência, carência de amor, afeto e carinho e que essas mães não devem ser julgadas, pois elas trabalham arduamente para que seus filhos nunca passem fome, e isso é a maior prova de amor que uma mãe pode oferecer aos seus filhos. A publicação ainda enfatiza que não devemos romantizar o amor das mães.

A página Sagrado Feminista também abordou sobre mulher negra e maternidade através de publicações com estatísticas que comprovam que 64% das mães negras vivem em condições de extrema solidão afetiva, financeira, psicológica e física. Ainda traz um relato de que basta ser negra para sofrer violência obstétrica no nosso sistema de saúde. Muitas vezes, por parte de profissionais que realizam procedimentos invasivos durante o parto, como a episiotomia (incisão entre a vagina e o ânus para facilitar que o bebê saia durante o parto). Para concluir, a página ressalta que o movimento feminista negro tem sido extremamente necessário para a conscientização da sociedade, trabalhadores e profissionais da saúde, sobre

a necessidade de se unirem o suficiente a fim de lutar contra um sistema de saúde racista que silencia, nega o direito à humanidade e mata milhares de mães negras.

Em um estudo que buscou analisar as desigualdades no Brasil na atenção pré-natal e parto de acordo com a raça/cor mostram que segundo Leal et al. (2017, p. 05).

[...]as puérperas de cor preta possuíram maior risco de terem um pré-natal inadequado, falta de vinculação à maternidade, ausência de acompanhante e peregrinação para o parto. As pretas também receberam menos orientação durante o pré-natal sobre o início do trabalho de parto e sobre possíveis complicações na gravidez, [...]as mulheres pretas receberam menos anestesia local quando a episiotomia foi realizada. A chance de nascimento pós-termo, em relação ao nascimento termo completo (39-41 semanas), foi maior nas mulheres pretas que nas brancas.

Através desses dados mencionados, nota-se a veracidade das informações que os perfis trazem nas publicações, em especial as publicações que falam sobre a relação entre raça/cor e maternidade, mostrando-se responsabilidade com as informações levadas aos seguidores.

O ciberfeminismo apresenta grande importância na difusão de informações às grávidas. Oliveira e Pinto (2016, p.402), afirmam que “por meio do acesso à informação, proporcionado principalmente pelas redes ciberfeministas na Internet, as mulheres se tornam capazes de questionar as estruturas vigentes e reivindicar por seus direitos.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo empoderamento é visto, portanto, como um instrumento coletivo de luta social. Porém ao mesmo tempo em que é coletivo, também depende de uma ação individual sobre a conscientização do papel de cada mulher na sociedade. As páginas discutem que empoderamento não pode ser entendido como o fato de uma mulher ser livre para fazer suas escolhas, ou seja, se tornar “empoderada”, enquanto há outras mulheres sendo oprimidas.

Sobre o autocuidado, as páginas ressaltam em seus posts que ele vai além de um cuidado com a beleza e a estética, perpassando várias áreas do nosso corpo e aspectos do cotidiano. O autocuidado, na perspectiva das páginas estudadas, é também o uso da autonomia para realizar as próprias vontades e desejos, principalmente, dizer não em contextos opressores, destacando também a importância do cuidado com a saúde mental.

Quanto a violência, as páginas apresentaram com maior destaque a importância do feminismo ser antirracista aliando-se a vertente do feminismo negro, teoria que foi liderada

pela filósofa Angela Davis que escreveu sobre as opressões que a mulher negra sofre na sociedade, o racismo brutal além do sexismo (DAVIS, 1981).

Com relação à política, as páginas com unanimidade mostram total repúdio ao governo do atual presidente Jair Bolsonaro, as páginas evidenciam que o feminismo caminha em direção oposta sobre o atual governo, tornando-se impossível ser a favor de Bolsonaro e ao mesmo tempo ser feminista. Apenas duas das cinco páginas analisadas abordam sobre o feminismo como um movimento político.

As páginas abordam sobre o machismo cada uma com certa particularidade. Essa diversidade das pautas faz parte da interseccionalidade, característica da terceira onda do movimento. Apesar da pluralidade, o eixo central norteador dos posts foi a busca por igualdade entre homens e mulheres.

A categoria Aborto e/ou Maternidade também foi abordada de uma forma plural pelas páginas. Todas se posicionaram a favor da descriminalização do aborto e pelo o direito da mulher opinar se quer ou não ter filhos, sem julgamentos. As páginas também enfatizam sobre a importância do cuidado com a mãe, pois por trás da maternidade existe toda uma sobrecarga da sociedade onde é definido que quando a mulher se torna mãe precisa se anular e viver exclusivamente aos filhos.

Pode-se observar que as redes sociais de cunho feminista contribuem para a democratização do acesso às informações através da discussão de diferentes pautas, permitindo que as mulheres acessem e discutam sobre informações e conteúdos que são pouco retratados na sociedade, estratégia que contribui no empoderamento destas mulheres.

Entendemos que o movimento feminista precisa ocupar esse espaço virtual, que é uma ferramenta necessária para a construção de redes de apoio, importante para a promoção da saúde mental e o autocuidado e para a organização do próprio movimento feminista. No entanto, precisamos ir, além disso. É preciso que se invista na atuação política através de articulação com o Estado, para que se proponha políticas públicas efetivas para as mulheres.

É importante ressaltar que não se acaba com o patriarcado por empoderamento virtual e o feminismo não é um movimento de *hashtag* na internet. O feminismo é um movimento político, sendo necessárias políticas públicas eficientes de combate à violência contra a mulher e que promovam a equiparação de direitos. É preciso que as mulheres aprendam a

como judicializar essas pautas e como transmitir a outras mulheres sobre seus direitos. É necessária, também, uma revolução na educação dos homens, mostrando-lhes a masculinidade como pressuposto de igualdade e não de superioridade. Uma educação que não naturalize a violência e o extermínio de mulheres como ocorre nos dias de hoje.

Diante dos fatos apresentados é importante concluir que as páginas feministas do *Instagram* não podem ser consideradas como única ferramenta de apoio a saúde mental de mulheres movimento feminista. Através dessa investigação foi suscitado que outras pesquisas nessa área devem ser realizadas para acompanhar a atuação do movimento feminista dentro das mídias sociais.

Referências

ASSIS, C. V. S. Mulheres negras, opressões, feminismo negro e entretenimento. **VI seminários Cetros**, Universidade Estadual do Ceará, 2018. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/425-51242-15072018-114301.pdf. Acesso em 06 de maio. de 2020.

Autocuidado. Google Trends, 2020. Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=today%205-y&geo=BR&q=autocuidado>. Acesso em 13 de maio de 2020.

BAQUERO, R. V. A. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, 2012.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BRASIL. PROCURADORIA ESPECIAL DA MULHER; SENADO FEDERAL; SECRETARIA DA MULHER; CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Mais Mulheres na Política**. 2 ed. 2015.

CARDOSO, G. R.; LOPES, M. S. O empoderamento feminino pelas redes sociais: uma realidade da modernidade líquida. **Encontro de Iniciação Científica da Ajes**, Faculdade do Vale do Juruena, 2018. Disponível em: http://www.eventos.ajes.edu.br/iniciacao-cientifica/uploads/arquivos/5dd8436729097_10.pdf. Acesso em 30 de nov. de 2020.

CENTRO FEMINISTA DE ESTUDOS E ASSESSORIA. **Bem viver para a militância feminista**. Brasília, 2016.

CENTRO FEMINISTA DE ESTUDOS E ASSESSORIA. **Guia prática de estratégias e táticas para a segurança digital feminista**. Brasília, 2017.

COELHO, M. P. Vozes que ecoam: Feminismo e Mídias Sociais. **Pesquisas e práticas psicossociais**, São João del-Rei, v. 11, n. 1, p. 214-224, jun. 2016.

COSTA, A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política. En: Pereira, H. (org.). **Olhares feministas. Coleção educação para todos**. Brasília: Ministério da Educação, Unesco, 2007.

CRUZ, I. C. F. A Sexualidade, a saúde reprodutiva e a violência contra a mulher negra: aspectos de interesse para assistência de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. Vol.38, n.4, p.448-457, 2004.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde. Relatório Mundial sobre Violência e Saúde. **Organização Mundial de Saúde**. Genebra, 2002.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo, Boitempo, 2016 (1981).

DESOUZA, E.; BALDWIN, J. R.; ROSA, F. H. A construção social dos papéis sexuais femininos. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 485-496, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722000000300016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 Nov. de 2020.

DINIZ, D.; MEDEIROS, M.; MADEIRO, A. Pesquisa Nacional de Aborto 2016. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 653-660, Feb. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017000200653&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 Nov. de 2020.

FACEBOOK. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Facebook&oldid=59807018>>. Acesso em: 15 nov. de 2020.

FERREIRA, Lola. Como fica a luta por direitos no país do presidente que prometeu acabar com os ativismo: País tem mais de 820 mil organizações da sociedade civil, mas presidente eleito prometeu "ponto final" em ativismos. *Gênero e Número*, [S. l.], 28 out. 2018. Disponível em: <<http://www.generonumero.media/como-fica-luta-por-direitos-no-pais-do-presidente-que-prometeu-acabar-com-os-ativismos/>>. Acesso em: 27 set.2020.

FRANÇA, J. O tabu do corpo da mulher: espaços de empoderamento na cibercultura. **Anais do Seminário Nacional de Sociologia**. Sergipe, 2018. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12906/2/TabuCorpoMulherEmpoderamentoCibercultura.pdf>. Acesso em 11 de maio de 2020.

FRANÇA, K. V.; BRAUNER, M. C. C. O corpo feminino sob uma perspectiva foucaultiana: rumo a construção dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres no Brasil. **VIII Seminário corpo, gênero e sexualidade**. Universidade Federal do Rio Grande, 2018. Disponível em: <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/236.pdf>. Acesso em 16 de maio de 2020.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia** – o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

HERNANDES, V. S. C. **Ciberfeminismo e Multilinguismo**: A ausência de línguas indígenas na internet. 2015. Trabalho de conclusão de curso – Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

INSTAGRAM. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Instagram&oldid=59807633>>. Acesso em: 16 nov.de 2020.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da violência 2018**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf. Acesso em 28 de maio de 2020.

KOZINETS, R. V. **Netnografia**: realizando pesquisa netnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEAL, M. C. et al. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública [online]**. 2017, v. 33, n. Suppl . Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00078816>> . Acesso em 24 nov. de 2020.

LEMO, M. G. Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

MARTINEZ, F. Feminismos em movimento no ciberespaço. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 56, e195612, 2019 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332019000200502&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 Out. 2020.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

NOGUEIRA, C. Construcionismo social, discurso e gênero. **Psicologia**, Lisboa, v. 15, n. 1, p. 43-65, jan. 2001. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492001000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 out. 2020.

OLIVEIRA, R. C.; LIMA, J. C. P.; GOMES, R. F. Machismo e discurso de ódio nas redes sociais: uma análise das “opiniões” sobre a violência sexual contra as mulheres. **Revista feminismo**. Vol.6, N.1, Jan. – Abr. 2018.

OLIVEIRA, R. S. de; PINTO, G. R. Mães de suas decisões: o papel do ciberfeminismo no empoderamento da mulher e na reivindicação de direitos relativos ao parto a partir do acesso à informação. **RVMD**, Brasília, V. 10, nº 2, p. 378-405, jul-dez.,2016. Disponível em:< <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rvmd/article/view/7660> >. Acesso em: 29 out. 2020.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

SIGA BRASIL/PODER 360. In: **Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para a Agenda 2030 III** – Relatório Luz da Sociedade Civil, 2019.

SILVA, F. T. “Pátria amada, Brasil”: ufanismo e intromissão burocrática na educação brasileira contemporânea. **Rev. Educ.**, Brasília, ano 42, n. 158, p. 178-194, jan./jun. 2019.

SOARES, V. Políticas públicas para igualdade: papel do Estado e diretrizes. En: Godinho, M. L. (org.). **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, Friedrich Ebert Stiftung, pp. 110-131, 2004.

SOUSA, D. L. R.; ARAÚJO, J. A. L. Feminismo contemporâneo: as mídias sociais como ferramentas de resistência. **Sociedade, Cultura e Patrimônio**, Universidade Federal de Uberlândia.

TWITTER. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Twitter&oldid=59606842>>. Acesso em: 17 out. 2020.

VAZQUEZ, A. C. B.. Fascismo e O Conto da Aia: a misoginia como política de Estado. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 597-606, Sept. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802019000300597&lang=pt. Acesso em 10 de Nov. 2020.

VÁSQUEZ, G. Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.3, nº6. p.167-18. 2014.

VEIZAGA, I. P. Ciberfeminismo: sobre o uso de tecnologia para a ação política da mulher. **Ponto Zero**, Cochabamba, v. 24, n. 39, pág. 39-50, dez. 2019.

VIANNA, L. A. C. **Determinantes Sociais de Saúde**: processo saúde doença. Universidade Federal de São Paulo: Universidade Aberta do SUS, 2015.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 7 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

WORLD Health Organization. Global consultation on violence and health. **Violence**: a public health priority. Geneva, 1996.